

Universidade Católica Portuguesa – Lisboa
Sala de Exposições – 2º piso do Ed. da Biblioteca
3-4 JUL | 2024

Reunindo investigadores que estudam a religião e as religiões no contexto das múltiplas modernidades, a rede ReliMM pretende contribuir para o desenvolvimento de um ambiente interdisciplinar, facilitando a criação de contextos de circulação, troca e cooperação. Esta comunidade é articulada a partir de um projeto de colaboração que congrega várias Unidades de Investigação, representadas por investigadores-coordenadores.

A complexidade própria do fenómeno religioso resiste ao império de uma perspetiva única e às teorias da religião que perdem a sensibilidade ao «religioso a fazer-se». A religião, enquanto objeto de conhecimento, exige um olhar multiscópico, que permita o cruzamento de diversas escalas e supere as tendências para o seu isolamento ou marginalização na comunidade científica. No quadro destes objetivos, a rede ReliMM (Religião nas Múltiplas Modernidades) promove o seu colóquio anual, facilitando o encontro entre as mais recentes trajetórias de pesquisa, que aqui são apresentadas e discutidas.

O Colóquio, com participação livre, encontra-se aberto a todos os interessados nos domínios temáticos apresentados.

Programa

3 de julho

14h30 - Abertura

14h45 - Identidades, Territórios e Trânsitos

- Margarida Franca (UCP-CITER; IPL), *Um Atlas da religião em Portugal: cartografar a mudança.*
- Vera Lúcia Rodrigues (UC), *O culto à Rainha Santa Isabel como construtor de uma identidade regional.*
- Inês Lourenço (CRIA-ISCTE), *Da Índia: reflexões sobre processos migratórios das religiões Hindu e Sikh para Portugal.*

Moderadora: Maria João Oliveira (IS-UP/FLUP)

16h15 - Pausa

16h45 – Movimentos, Militância e Pluralismo

- André Cruz Gamboa Cabrita (UCP-CEHR), *Os frades dominicanos na resistência à ditadura brasileira (1964-1985): entre a fé e a militância política.*
- Rita Mendonça Leite & Nuno Estêvão Ferreira (UCP-CEHR), *Percursos do pluralismo político de cristão na transição democrática em Portugal.*
- José Pereira Coutinho (UCP-CITER, CEG-UAb), *Movimentos juvenis católicos em Portugal: análise quantitativa dos movimentos.*

Moderador: Pedro Pereira (CRIA-NAR; IPVC)

18h15 – Fim da sessão

4 de julho

9h30 - Teologias, Lógicas de Ação e Espaço Público

- Alex Villas Boas (UCP-CITER), *A espiritualidade política na cromatologia teológica de Vicent van Gogh.*
- Alexandre Palma (UCP-CITER), «Spatial turn»: recepção e desafio para a teologia.
- Ananda Ambrose (ICS-UL), *Ethnography of the Aga Khan Academy of Lisbon: Negotiating Islamic Space in Lisbon.*

Moderadora: Marina Pignatelli (CRIA-NAR; ISCSP-UL)

2

10h45 - Pausa

11h15 - Conflito, Género e Populismo

- Rosenilton Silva de Oliveira (USP; ICS-UL), *Racismo e intolerância nas escolas: reflexões a partir do contexto brasileiro.*
- Jorge Botelho Moniz (LusoGlobe-Lusófona), *Populismo religioso em Portugal?*
- Júlia Garraio (CES-UC) e Teresa Toldy (CITCEM; UFP), *Apresentação de «Religion, Gender, and Populism in the Mediterranean».*

Moderador: Steffen Dix (CEG-UAb)

12h45 - Pausa

14h30 - Crise, Memória e Ritual

- Ana Gonçalves Broda dos Santos (IS-UP/FLUP), *Curar pela fé? Reflexão exploratória em torno de relatos de cura na Igreja Universal do Reino de Deus em Portugal.*
- Natasha Ferreira Martins (CRIA, ISCTE-IUL), *Benzimentos em Portugal: relatos de uma etnografia multissituada.*

RELIGIÃO NAS MÚLTIPLAS MODERNIDADES

Colóquio 2024 | 3-4 JUL

- Bruna Mergulhão (ISCTE-IUL; NOVA FCSH), *Da fisicalidade ao digital: vivências do luto e memorialização em rede*.
Moderadora: Carla Saraiva (ICS-UL)

16h00 - Pausa

16h30 - Masculinidades e Feminilidades em Construção

- Gonçalo Brito Graça (UCP-CEHR), *O escutismo e a construção do “padre-cidadão”*.
- Rui Manuel Barbeiro Madeira (IS-UP/FLUP), *O monaquismo contemporâneo – a comunidade monástica feminina do Mosteiro Trapista de Santa Maria, Mãe da Igreja (Palaçoulo)*.
- Elsa Correia Pereira (IS-UP/FLUP), *«Mulher» é um verbo - conceitos e preceitos para o estudo do feminino nas comunidades evangélicas*.
Moderadora: Teresa Toldy (CITCEM; UFP)

18h00 – Conclusão

Organização do Colóquio 2024

Alfredo Teixeira (UCP-CITER)
Paulo Fontes, Rita Mendonça Leite (UCP-CEHR)

Coordenação da rede ReliMM

Alfredo Teixeira (UCP-CITER)
Clara Saraiva (ICS-UL)
Helena Vilaça, Maria João Oliveira (IS-UP/FLUP)
Marina Pignatelli, Pedro Pereira (CRIA-NAR)
Paulo Fontes, Rita Mendonça Leite (UCP-CEHR)
Steffen Dix (CEG-UAb)
Teresa Toldy (UFP)

3



CATÓLICA
CITER - CENTRO DE INVESTIGAÇÃO
EM TEOLOGIA E ESTUDOS DE RELIGIÃO



CATÓLICA
CEHR - CENTRO DE ESTUDOS
DE HISTÓRIA RELIGIOSA



Resumos

3 JUL

14h45 - Identidades, Territórios e Trânsitos

Margarida Franca é licenciada em Geografia, via ensino, pela Universidade de Coimbra, Mestre em Geografia Humana, Planeamento Regional e Local, na Universidade de Lisboa e doutorada em Geografia Humana pela Universidade de Coimbra. Desde 2001 que trabalha na Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro e desde 2020 que acumula com a função professora adjunta convidada, na ESECS do Instituto Politécnico de Leiria. É investigadora integrada do CITER – Centro de Investigação em Teologia e Estudos da Religião, da Universidade Católica Portuguesa, e neste contexto, publicou vários artigos académicos e livros, dos quais destaca “Identidades Religiosas e dinâmicas sociais na Área Metropolitana e Lisboa” (FFMS) e “Religião, Território e Identidade. Contextos Metropolitanos” (INCM), ambos sob a coordenação de Alfredo Teixeira. É Vogal da Obra Nacional da Pastoral do Turismo desde maio de 2021 e membro da Pastoral do Turismo da Diocese de Coimbra, desde 2019.

Cartografar a paisagem religiosa portuguesa, pressupõe, uma leitura transversal das dinâmicas sociodemográficas e culturais que determinam uma mudança substancial, na última década, no quadro das sociabilidades da população portuguesa. Num estudo mais detalhado e com o recurso a várias escalas de análise geográfica, procura-se analisar a evolução de alguns indicadores demográficos incluídos no último recenseamento da população portuguesa (2021), onde se inclui a leitura das identidades religiosas da população portuguesa, mas também de outros indicadores como a crescente mobilidade da população e o acentuar dos fluxos migratórios internos e externos, a evolução da estrutura etária e o acentuar do duplo envelhecimento populacional, a alteração da composição das famílias ou, numa outra perspetiva, o aumento da escolarização e a distribuição da população ativa. Uma cartografia da religião que perpassa uma geografia das dinâmicas internas da demografia portuguesa.

Vera Lúcia Rodrigues, doutoranda em Antropologia, no Departamento de Ciências da Vida da Universidade de Coimbra. Licenciou-se Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Portugueses e Ingleses, pela Universidade de Coimbra, no ano de 2002. Desde esse momento até à atualidade, tem trabalhado nas áreas do ensino de jovens (desde a idade pré-escolar até ao ensino secundário) e da formação de adultos, nomeadamente em Centros Qualifica e em cursos de educação e formação de adultos. Encontra-se mais tarde, e por acaso, com a Antropologia, graças ao folclore, uma paixão da juventude, sendo conselheira da Federação de Folclore Português. Concluiu o Mestrado em Antropologia Social e Cultural, pela Universidade de Coimbra, em 2022, tendo apresentado uma dissertação sobre o culto à Rainha Santa Isabel e a construção da identidade sourense

Esta investigação pretende compreender como é que o culto à Rainha Santa Isabel permite construir uma identidade regional, a partir de Coimbra. A investigação inicia-se com o enquadramento histórico do culto isabelino nesta região, mas o principal objetivo é compreender a sua importância na atualidade. Pretende-se também perceber a atuação das instituições que regulam o culto, nomeadamente a Confraria da Rainha Santa Isabel, o clero (concretamente o bispado de Coimbra), a Câmara Municipal de Coimbra, bem como a ligação entre Universidade de Coimbra e o culto. Intenciona-se compreender como se forma a identidade do peregrino e como se expressa a fé (os sacrifícios, as procissões, a adesão ao culto, a crença geracional no feminino) através da observação das procissões bianuais e também de outros momentos culturais. Finalmente, pretende-se também investigar de que forma ocorre a patrimonialização e a turistificação do culto e a importância destas dimensões para a cidade, na atualidade.

Inês Lourenço é doutorada em Antropologia (ISCTE-IUL) e investigadora integrada do Centro em rede de Investigação em Antropologia (CRIA-ISCTE). A sua investigação centra-se em torno das populações migrantes com origem na Índia, nos seus processos de reprodução e negociação cultural, de adaptação religiosa, social e de género. Outros temas de trabalho relacionam-se com o consumo de bens culturais de matriz indiana e com os seus usos sociais em Portugal. Atualmente estuda os processos de patrimonialização das comunidades de origem indiana em Portugal, numa articulação entre museologia e antropologia. As suas várias pesquisas assentam em trabalho de campo prolongado realizado em Portugal, na Índia e no Reino Unido. Entre as suas publicações destacam-se: “Sacred power. Gender negotiations among Gujarati Hindus in Portugal” *Etnografia e Ricerca Qualitativa*, 14 (3), 477-501 (2021) ou “The Global Gujarati Hindu Diasporas”, in Knut Jakobsen (ed.), *Hindu Diasporas (The Oxford History of Hinduism)*, Oxford University Press (2023).

As comunidades hindus estabelecidas em Portugal desde a década de 80 do século passado desenvolveram estratégias de reprodução cultural e religiosa, processo ao longo do qual as mulheres tiveram papéis determinantes na sua transmissão e adaptação, levando ao desenvolvimento de novas formas de hinduísmo, que combinam valores tradicionais e novas características, influenciadas por novos elementos, como é o caso do catolicismo popular. Esta apresentação pretende partir de uma investigação de longo curso entre comunidades hindus da área da Grande Lisboa para se centrar de seguida numa perspetiva em torno de outra prática religiosa originária do subcontinente indiano, o Sikhismo, com crescente expressão no território português, incidindo sobre as suas especificidades, adaptações e expressões públicas, que têm sido alvos recentes da manipulação por movimentos anti-imigração e de extrema direita sobre a opinião pública em torno destas expressões religiosas e dos seus praticantes. A abordagem antropológica destas duas comunidades religiosas e da sua viagem (Huwelmeier, Krause, 2009) pretende analisar a forma como estas se relacionam com a sociedade portuguesa em geral e como são percecionadas de formas distintas, através de estereótipos associados a diferentes ideias de Oriente.

16h45 – Movimentos, Militância e Pluralismo

André Cruz Gamboa Cabrita é natural de Lisboa, nascido 20/07/1995. Licenciado em Ciências Religiosas e Mestre em Teologia pela Universidade Católica Portuguesa. Tem pesquisado nas áreas de Teologia Política, Teologia Histórica e Ecoteologia. Tem colaborado, pontualmente, com o CEHR, sendo autor do artigo “Por um cristianismo genuinamente africano: colonização, descolonização e evangelização” (publicação 25 de Abril: permanências, ruturas e recomposições). Membro do movimento Partido Democrata Europeu (PDE). Voluntário na Igreja de São Pedro de Barcarena (Oeiras).

Nesta comunicação pretendemos refletir sobre o papel que os frades dominicanos (Ordem dos Pregadores) desempenharam no processo de resistência à Ditadura Civil-Militar (1964-1985). Durante o período do Regime Militar, os frades dominicanos, mormente os sitiados no Convento de Perdizes em São Paulo, posicionaram-se profética e firmemente contra as injustiças cometidas pelos acólitos da ditadura. Adotaram uma postura de resistência ativa, principalmente pastoral e intelectual, via Jornal Brasil, Urgente, Livraria-Editorial Duas Cidades e movimentos juvenis da Ação Católica (JAC, JEC, JIC, JOC e JUC). A atuação dos dominicanos não se limitou à crítica verbal do Regime Militar; eles participaram de ações concretas que incluíam o apoio (de retaguarda, ou logístico) à luta armada, a formação dos quadros de movimentos políticos e sociais, a defesa de presos políticos e a divulgação de informações sobre as reiteradas violações dos direitos humanos às mãos do Estado. Através das suas redes de contato e das suas comunidades, os frades dominicanos no Brasil facilitaram a organização de encontros clandestinos (de estudantes e de grupos revolucionários) e a ampla distribuição de materiais considerados subversivos, comprometidos com os ideais de justiça e de liberdade.

Rita Mendonça Leite é licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2004). Na mesma instituição concluiu, em 2007, o Mestrado em História Contemporânea em torno das Representações do Protestantismo na Sociedade Portuguesa Contemporânea: da exclusão à liberdade de culto (1852-1911); e, em 2017, o Doutoramento em História, na especialidade de História e Cultura das Religiões, com a tese: Texto e Autoridade. Diversificação sociocultural e religiosa com a Sociedade Bíblica em Portugal (1804-1940), entretanto publicada pela Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Recebeu, em 2008, a Menção Honrosa do «Prémio Victor de Sá de História Contemporânea» e venceu, em 2017, o «Prémio Liberdade Religiosa». É Investigadora Integrada no Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (UCP-CEHR), colaboradora do Centro de História da Universidade de Lisboa (CH-ULisboa) e membro da Sociedade Portuguesa da História do Protestantismo (SPHP). É atualmente Investigadora CEEC (DOI10.54499/CEECINST/00137/2018/CP1520/CT0005) e Professora Auxiliar Convidada na Faculdade de Teologia (FT-UCP), Diretora-adjunta do UCP-CEHR e membro do Conselho Editorial da revista *Lusitania Sacra*.

Nuno Estêvão Ferreira é Doutor em Ciências Sociais (especialidade Sociologia Política) pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL).

Investigador auxiliar no Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR), da Universidade Católica Portuguesa (UCP), integra atualmente o Conselho de Direção e coordena o programa colaborativo “Rede de Arquivos de Instituições Religiosas (RAIR)”. Docente na Faculdade de Ciências Humanas e no Instituto de Estudos Políticos da UCP. Os seus interesses de investigação situam-se: na relação estabelecida entre corporativismo e catolicismo na Europa do pós-guerra nos regimes autoritários da Península Ibérica; e nos processos de secularização das sociedades europeias contemporâneas. Entre as publicações: “A Câmara Corporativa”. In Almeida, Pedro Tavares de (dir.). *O Parlamento Português. Estado Novo* (vol. 3). Lisboa: Edições Assembleia da República, 2023, p. 105-183 (co-autor: José Luís Cardoso); “O catolicismo português e o debate sobre o desenvolvimento económico na década de 1960”. In Gonçalves, Leandro Pereira; Rezola, Maria Inácia (dir.). *Igrejas e Ditaduras no Mundo Lusófono*. Recife: Edupe, 2020, p. 273-304.

A comunicação aborda as relações entre os universos religiosos e o pluralismo político no processo de transição democrática em Portugal. Pretende-se analisar diferentes percursos de dirigentes e membros de organizações religiosas nas esferas política e cívica. Consideramos que a diversidade religiosa gera pluralismo político. Tanto no interior de um espaço como a Igreja Católica, com estatuto preferencial ao longo da ditadura, como no universo mais amplo do cristianismo. A diferenciação religiosa foi causadora de posicionamentos políticos distintos, mesmo que estes, por seu turno, também tenham sido suscetíveis de acentuar clivagens de cariz religioso. A diversificação por campos ideológicos e posicionamentos partidários, em processos eleitorais, debates parlamentares ou discussões nos media em torno de políticas públicas constitui, no geral, justificação para polémicas ou até separações também no interior do próprio espaço religioso. Todavia, este último é, também ele, diversificado, com o próprio catolicismo a assumir-se publicamente como plural, sobretudo desde a década de 1960.

José Pereira Coutinho é doutorado em sociologia (ISCTE-IUL), membro integrado do UCP-CITER. As suas linhas de investigação são a religiosidade, o catolicismo, a juventude, as gerações, a transmissão religiosa e as análises comparativas.

Os movimentos juvenis católicos têm uma presença marcante no tecido católico português. No entanto, poucos são os estudos sobre os mesmos, não havendo um único que ofereça um retrato geral dos mesmos. Desta forma, nesta comunicação, apresentam-se os resultados principais da primeira fase do projeto «Movimentos juvenis católicos em Portugal», que os analisa quantitativamente com base em diversas variáveis.

4 JUL

gh30 - Teologias, Lógicas de Ação e Espaço Público

Alex Villas Boas é investigador principal e coordenador executivo no CITER – Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião, na Universidade Católica

Portuguesa (UCP). Tem Pós-Doutorado em Teologia e Espiritualidade pela Pontifícia Università Gregoriana e Doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro com Agregação em Ética e Linguagem Teológica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Experiência como visiting professor: Instituto de Educação e Linguagem - UNICAMP (Brasil), Université Laval (Canadá), Programa de Doutoramento em Humanidades - Universidade Católica de Moçambique (Moçambique), Facultad de Ciencias Sociales y Políticas, Universidad Nacional Arturo Jauretche (Argentina), Paracelsus Medizinische Universität (Austria). Alguns interesses de investigação: Teologia e Cultura, Teologia e Literatura, Estética Teológica Espiritualidade Política, Espiritualidade e Saúde Pública. Recentemente recebeu o «Religions Young Investigator Award 2022».

O objetivo da presente comunicação é mostrar como Vincent van Gogh desenvolveu uma reflexão teológica que está presente principalmente em suas pinturas com motivos religiosos. Esta reflexão é fruto da sua experiência religiosa, que alia a sua espiritualidade a um compromisso social com os mineiros de Borinage, na Bélgica, que pode ser visto como uma opção pelos pobres avant la lettre no século XIX, e nesse sentido pode ser classificada como espiritualidade política. Esta experiência, longe de reforçar a sua relação institucional, provocou antes uma atitude crítica em relação ao discurso teológico do contexto eclesial em que vivia e levou o aspirante a pastor a tornar-se um génio da pintura. A sua interpretação teológica como leitor crítico da Bíblia pode ser traduzida naquilo a que chamaremos aqui uma cromatologia teológica, em que se pode verificar as razões teológicas de suas opções cromáticas, identificado através do cruzamento das cartas e das pinturas de Vincent van Gogh. Dada a influência do génio pintor holandês na cultura contemporânea, o processo através do qual emerge a sua reflexão sobre a questão religiosa e teológica pode ser visto como um elemento significativo para a compreensão do presente nas sociedades pós-seculares.

Alexandre Palma é professor associado da Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Teologia (da qual é presentemente também vice-diretor) e investigador integrado do CITER – Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião (do qual é presentemente diretor). Tem investigado, sobretudo, na área de Teologia Sistemática, considerando também questões de interdisciplinaridade e epistemologia da Teologia. Atualmente, integra a equipa de investigadores que desenvolvem o projeto «Casa Comum e novos modos de habitar interculturalmente»: teologia pública e ecologia da cultura em tempos de pós-pandemia», no seio do qual tem aprofundado o estudo da viragem espacial na teologia contemporânea.

Entre as inflexões contemporâneas nos estudos de cultura, e no que estes congregam de humanidades e ciências sociais, conta-se também um «spatial turn». Em termos gerais, por viragem espacial entende-se a elevação da espacialidade a fator determinante na análise e interpretação de fenómenos humanos, sociais ou históricos. Nesta comunicação, considera-se o impacto desta concentração espacial nos estudos teológicos, questionando se e de que forma se poderá falar de um «spatial turn» em teologia. À semelhança do que se terá verificado noutras disciplinas, também a teologia parece ter herdado uma prevalência da variável “tempo” e uma

certa menorização do “espaço”. Em reação, alguns autores denunciam hoje um excessivo “tempocentrismo” (Inge) e uma visão abstrata da espacialidade, que conduziu a uma perda da noção teológica de “lugar”. Esta crítica é ainda corroborada pelo reconhecimento de que o espaço religioso não é “homogéneo” (Eliade). A presente comunicação procura, pois, 1. apresentar de que forma alguma teologia contemporânea procura colocar em movimento um autêntico «spatial turn» teológico; e 2. elencar alguns dos desafios decorrentes desta qualificação do “espaço e/ou lugar” a categoria teológica fundamental.

Ananda Ambrose is a first-year PhD candidate at the University of Lisbon- Institute of Social Science. She is studying Anthropology under the supervision of Simone Frangella and co-supervision of Amanda Guerreiro. She has interests in the Anthropology of Islam, the built environment and cultural production. She was born in the Washington D.C. metropolitan area and received her Master’s in Middle Eastern Studies from The CUNY Graduate Center in New York City. Before this, she received her bachelor’s from California State University, Northridge in English Creative Writing. Some of her intercultural experiences include teaching English to migrant youth in Northern Lebanon and acquiring an elementary Arabic language proficiency, which she will continue during her fieldwork. Before returning to Academia for her doctoral research, she worked in non-profit administration at the Climate Emergency Fund, a foundation supporting climate activism.

This project discusses the ongoing process of constructing the Aga Khan Academy of Lisbon (AGAL), a private school for school-aged children of all backgrounds being built in Oeiras by the Ismaili Aga Khan Development Network (the Network). The Network purchased rural land adjacent to the existing TagusPark Science and Tech Park in 2018 and received recent approval to move forward after years of municipal negotiations and public contest.

The goal of this ethnography of place and space is the examination of social processes and constructions that have materialized over time to create the project and consequentially expand Ismaili innovations to the fields of built environments, urban space, public service, and education in Portugal. This case study provides insight into increasingly visible Muslim communities in Portugal and the political stakes at play as the Imamat negotiates visibility and asserts its presence in Lisbon, a Post-Imperial and Post-Colonial capital city.

11h15 - Conflito, Género e Populismo

Rosenilton Silva de Oliveira é docente na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Doutor em Antropologia Social pela USP e pela Ecole de Hautes Etudes en Sciences Sociales (França). Foi professor convidado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Lueji A’Nkonde (Angola) e no Mestrado em Estudos Brasileiros da Universidad de Salamanca (Espanha). Coordena o Fateliku - grupo de investigação sobre educação, relações étnico-raciais, género e religião. Autor do livro “Orixás a manifestação cultural de deus”: uma análise das liturgias católicas inculturadas”, co-autor de “Múltiplos olhares para as relações raciais na educação” e “Através das águas: os bantu na formação do Brasil”. Atualmente desenvolve pesquisa sobre religião, identidade, e políticas públicas educacionais com recorte étnico-racial.

Em 2023, o Brasil alterou a sua legislação educacional para incluir o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo da educação básica e instituiu a educação das relações raciais, com vistas a superação da desigualdade étnico-racial presente na sociedade. Desde então, observa-se um movimento por parte de docentes, diretores de escola e familiares de repulsa aos símbolos das heranças africanas no Brasil, sob a alegação de que são elementos associados a religiões demoníacas e que a laicidade do Estado não permitira o ensino de preceitos religiosos na escola. A partir da revisão da bibliografia, nesta reflexão procura-se mapear essa controvérsia com o objetivo de compreender de que modo o racismo e a intolerância religiosa se cruzam nos contextos escolares quando se trata das matrizes culturais africanas e qual tem sido a posição de instituições religiosas e organismo da administração pública na mediação dos conflitos observados

Jorge Botelho Moniz é doutor em Ciência Política (NOVA FCSH), Professor Auxiliar na Universidade Lusófona, onde exerce os cargos de Diretor do Mestrado em Ciências das Religiões e da Licenciatura em Ciência Política e Relações Internacionais. Visiting scholar em Sciences Po Paris - Universidade de Poitiers (2014), bolseiro de doutoramento do Programa Erasmus Mundus (2014-16) e da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia (2016-19) na UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, correspondente nacional da rede EUREL (EUrope-RELigion), Universidade de Estrasburgo (2017-19), Membro da Direção do CITER - Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião, FT- Católica (2019-21) e Professor Convidado do Curso Básico de Comando da Academia da Força Aérea (desde 2024). Investigador integrado no LusoGlobe – Lusófona Centre on Global Challenges, participou em vários projetos de investigação, tais como: Religião e Espaço Público (Universidade Católica Portuguesa, 2017-19) e Carta das Religiões de Odivelas (Universidade Lusófona, 2022-23).

Uma abordagem pertinente e contemporânea do fenómeno do populismo em Portugal deve considerar o subtipo do populismo religioso. Com a desprivatização da religião e, conseqüentemente, do populismo religioso, tornou-se possível identificar dois tipos de populismo religioso: a modernofobia e a islamofobia. Partindo deste enquadramento teórico, este artigo analisa o discurso populista religioso associado à dimensão identitária e cultural e a partidos de direita como o Chega! e o CDS – Partido Popular. Apesar das diferenças entre os partidos na forma como utilizam os argumentos religiosos no seu discurso político, o atual contexto político português segue a tendência de desprivatização da religião, o que pode abrir caminho para que a religião e o populismo religioso aumentem a sua proeminência no espaço público e nas agendas políticas.

Júlia Garraio é investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Co-coordena os Grupos de Trabalho Policredos: Religiões e Sociedade e GPS - Grupo de Pesquisa em Sexualidade. Desenvolve o projeto Dis/entangling Rape - Sexual Violence in Portuguese literature and cinema in the 21st century, no âmbito do Programa de Estímulo ao Emprego Científico (CEEC) da FCT. É Co-PI do projeto FCT

UnCover - Sexual Violence in Portuguese Mediascape. Integrou o Grupo de Investigação Histórica da Comissão Independente para o Estudo dos Abusos Sexuais de Crianças na Igreja Católica Portuguesa (2022-23). É membro co-fundador do grupo de investigação internacional SVAC-Sexual Violence in Armed Conflict. Faz parte do Conselho Editorial da revista *European Journal of Women's Studies*, onde é co-responsável pela secção das resenhas.

Teresa Martinho Toldy é doutorada em Teologia pela Philosophisch-Theologische Hochschule Sankt Georgen (Frankfurt/Alemanha). Possui Mestrado e Licenciatura em Teologia (Universidade Católica, Lisboa) e pós-doutoramento no Centro de Estudos Sociais (Universidade de Coimbra). É Professora Catedrática da Universidade Fernando Pessoa, onde leciona Ética. É coordenadora da Cátedra Internacional de Bioética da Universidade Fernando Pessoa, investigadora do CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória) e ex-investigadora do Centro de Estudos Sociais (Universidade de Coimbra). É membro do Núcleo “Filosofia e Género”, da Associação Portuguesa de Filosofia. Foi co-coordenadora do GT-POLICREDOS (CES) juntamente com Júlia Garraio e Luciane Lucas Santos (entre 2017 e janeiro de 2024). É membro da Equipa Editorial da Revista e da Coleção de Estudos da European Society of Women in Theological Research, do Conselho Editorial da Revista “Carthaginensia” e do Conselho de Redação da Coleção Aletheia, da Associação de Teólogas Espanholas. Investiga e publica na área dos estudos de género e religião.

Trata-se da apresentação da obra «Religion, Gender, and Populism in the Mediterranean» (ed. Alberta Giorgi, Júlia Garraio e Teresa Toldy, Routledge, 2024). O livro apresenta uma análise sistemática e comparativa das intersecções entre religião e género numa era de populismos em países do Mediterrâneo. Os capítulos exploram tensões e questões relacionadas com estas intersecções em Portugal, Itália, Croácia, Bósnia-Herzegovina, Sérvia, Grécia e Turquia. O livro contém ainda um capítulo relativo às mulheres palestinianas muçulmanas em Israel. A inclusão de países fora da União Europeia, mas da área do Mediterrâneo, permite a análise desta temática em países cuja história está significativamente entrelaçada, tendo em conta as heranças do colonialismo, os efeitos do pós-colonialismo, e o papel da União Europeia em relação a questões do género. Não só são apresentados casos específicos de cada país, como também se sublinham as semelhanças e diferenças nesta região, procurando compreender a influência das interconexões existentes. O livro inclui países com maiorias religiosas cristãs e não-cristãs, católicas e não católicas, bem como com regimes políticos diferentes, nos quais os movimentos feministas e das mulheres possuem contornos, histórias e relações diversas com a religião. Dado que a apresentação será feita no contexto da rede de investigadores/as da religião em Portugal, dar-se-á maior destaque ao capítulo sobre este país, embora tendo em conta o contexto mais vasto dos discursos relativos à associação entre género, religião e populismo que perpassam os países do Mediterrâneo.

14h30 - Crise, Memória e Ritual

Ana Gonçalves Broda dos Santos é Licenciada em História (2015) e Mestre em História, Relações Internacionais e Cooperação (2020) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Na dissertação de mestrado analisou a prática religiosa e o discurso de uma igreja neopentecostal - a Igreja Universal do Reino de Deus - face à crise financeira e económica de 2010-2014, bem como às políticas de austeridade que se seguiram, no contexto português. Doutoranda em Sociologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (IS-UP/FLUP) com bolsa de investigação da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (ref. 2022.13279.BD), com um projeto intitulado “Mediações sobrenaturais versus ação médica: práticas e perceções de cura em contextos religiosos portugueses”. A investigação atual intersecta os campos da religião e da saúde, nomeadamente a forma como determinadas práticas e rituais (oração, exorcismo, etc.), são caminhos para experiências individuais de cura.

Esta comunicação explora a ideia da pertença religiosa enquanto mecanismo de coesão social, cruzando-a com os efeitos sociais das políticas públicas de austeridade em Portugal durante a crise financeira de 2010-2014. Dado que foi um período e estado de crise que afetou a sociedade portuguesa e gerou profunda instabilidade, são particularmente relevantes as formas pelas quais a crença e/ou a pertença religiosa foram percebidas como tendo impactado a saúde física e/ou mental pelos próprios indivíduos. Para esta análise recolhem-se os testemunhos de cura publicados no jornal da Igreja Universal do Reino de Deus, o Folha de Portugal, concretamente na coluna “Casos Verídicos”, entre os anos de 2010-2014. A abordagem metodológica é de natureza qualitativa, focada na análise do discurso, agrupando-se os testemunhos em diferentes problemas/doenças, perfis demográficos, refletindo simultaneamente sobre o impacto que a fé/pertença religiosas tiveram para esses membros da igreja. O principal objetivo deste trabalho é delinear uma tipologia de testemunhos dados pelos membros da igreja sobre problemas de saúde, bem como debruçar-se numa reflexão mais ampla sobre o papel da religião e da fé na coesão social, especialmente em tempos de crise.

Natasha Ferreira Martins é bolsista de investigação atuando em um projeto sobre as práticas de benzimento e suas conexões com a espiritualidade, saúde, bem-estar e transreligiosidade - ReSpell (CRIA/FCT). Doutoranda em Antropologia pelo Instituto Universitário de Lisboa, Mestre em Ciência das Religiões pela Universidade Lusófona de Lisboa e Bacharel em Nutrição pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Investigadora de religiosidades populares e contemporâneas. Criadora de conteúdos e divulgadora científica sobre fenômenos religiosos.

A partir de uma etnografia audiovisual em duas regiões portuguesas, Lisboa e aldeias de xisto da Serra da Lousã, a apresentação busca trazer algumas análises acerca das dinâmicas, individuais e coletivas, presentes nos rituais de benzimento. Dado seu impacto na história e construção religiosa do país, os benzimentos são práticas religiosas de cura que proporcionam interessantes diálogos entre diferentes cosmovisões, estudos sobre afetos e a transreligiosidade. Debates atuais sobre saúde, bem-estar e espiritualidade também inspiram ao tema e convidam a pensar, através de um olhar atualizado, sobre os benzimentos, saberes e práticas. O

crescimento global e localmente de correntes espirituais que utilizam desses conhecimentos como terapias alternativas, a presença do assunto na internet, a quase ausência de registros no contexto português e as mudanças do perfil religioso em Portugal nos últimos anos justificam essas e outras reflexões que a amplitude do tema propõe.

Bruna Mergulhão é estudante de doutoramento em Antropologia no ISCTE-IUL em colaboração com a NOVA FCSH. Filiada ao Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA). Mestre em Antropologia pelo Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), onde desenvolvi uma dissertação intitulada "O Silêncio que Fala: Ritos Fúnebres como Performance e o Cemitério como Lugar de Memória". Graduei-me em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), com uma monografia que aborda a visão antropológica dos ritos fúnebres católicos no Cemitério de Santo Amaro, em Recife, intitulada "Rezar pela Alma e Enterrar". Tenho experiência nas áreas de morte, ritos fúnebres, representação, memória, performance e cemitério. Em 2023, meu artigo "Morte e memória: Breve reflexão sobre rituais e experiências de morte no digital" foi publicado como capítulo do livro Estudos em Ciências Humanas e Sociais (vol.11).

Este estudo aborda a interconexão entre morte (Ariès: 2003), ritos funerários (Van Gennep: 2011; Turner: 1974; Saraiva: 2015, 2016), luto (Vovelle: 1997) e memória (Nora: 1993; Halbwachs: 1990; Foucault: 1986), em ambientes físicos e digitais. Analisa-se como as visões da morte, influenciadas pelo contexto histórico e social, moldam práticas funerárias e percepções sociais. Destaca-se o papel dos rituais funerários na consolidação de laços comunitários e na expressão de pertencimento cultural. As restrições impostas durante a pandemia de COVID-19 destacam a importância do espaço físico nos rituais fúnebres, enquanto a morte digital, impulsionada pela evolução das mídias digitais, redefine a experiência do luto e a preservação da memória. Essas transformações geram novas possibilidades de interação e rituais online, influenciando tanto o ambiente físico quanto o digital.

16h30 - Masculinidades e Feminilidades em Construção

Gonçalo Brito Graça, Licenciatura em História na Universidade Nova de Lisboa e Mestrado em Património Histórico e Territorial pela Universidad de Cantabria (Santander, Espanha). Em 2013 realizou um estágio profissional no Museu do Corpo Nacional de Escutas e que acabou por ser a porta de entrada para os estudos sobre a história do escutismo. Participante no RELIMM 2018, com a comunicação «“Olhos em Deus. Coração na pátria”. O papel do escotismo nas missões católicas africanas»; e no RELIMM 2021, com a comunicação «Da aversão à conversão: a receção do método de Baden-Powell no universo católico». Em abril de 2024 concluiu o Doutoramento em História no PIUDHist – Programa Interuniversitário de Doutoramento em História, com a tese «"Ao serviço do Império". O associativismo escotista e o enquadramento da juventude em Portugal (1911-1939)».

O debate historiográfico sobre a correta aplicação da encíclica Rerum Novarum tem sido orientado para a precariedade social, ou até pela rutura que a mesma provocou com as

Misericórdias ou as Confrarias, lentamente substituídas pelo surgimento de organizações como as associações e/ou sindicatos. É certo que a observação do associativismo católico permite compreender o estabelecimento de um novo modelo evangelizador – por exemplo, através da sua correlação com o movimento desportivo (uma mimese de alguns procedimentos praticados no universo protestante) -, ou ainda pela possibilidade de uma leitura heterogénea sobre a mecânica do “homem novo católico”, numa lógica decorrente da aplicação do mens sana in corpore sano. Neste campo, o melhor exemplo serão as escolas jesuítas, os colégios salesianos, ou até os seminários diocesanos, em que todos adotaram o desporto como instrumento para a ascensão a um corpo perfeito. Contudo, foram práticas modernas que se mostraram insuficientes para um acesso pleno à cidadania, reposicionando os sacerdotes para as periferias sociais da comunhão de direitos e deveres, quase remetidos a aceitar os papéis estereotipados do género feminino. Precisamente por existir esse vazio, vários religiosos utilizaram o movimento escutista como porta de acesso a uma “masculinidade hegemónica”, construindo-se eles próprios como “padres-cidadãos”.

Rui Manuel Barbeiro Madeira, licenciado em Planeamento e informação em Turismo pelo Instituto Superior de Administração em Gestão. Em 2023 apresentou a tese de mestrado, na área da educação comparada, com o título “O Projeto Regional do Mediterrâneo, o caso português”. Presentemente, é doutorando em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e desenvolve o projeto de tese, no âmbito da sociologia das religiões, sobre a comunidade monástica beneditina trapista feminina, sediada em Palaçoulo, Miranda do Douro.

14

O objetivo desta comunicação é apresentar o plano de investigação de doutoramento sobre a comunidade monástica beneditina trapista feminina sediada na freguesia de Palaçoulo, em Miranda do Douro, fundada em 2017. A comunidade é constituída por um total de 10 monjas, oriundas todas de Itália, do Mosteiro Trapista de Nossa Senhora de São José, em Vitorchiano, perto de Roma. Vivem, segundo a Regra de São Bento, uma vida de comunhão, silêncio, oração e trabalho em comum. Pretendo apresentar a hipótese se a fundação do mosteiro trapista em Palaçoulo corrobora, ou não, a tendência da contemporaneidade de maior radicalidade da prática religiosa. Denota-se, por um lado, um distinto sincretismo e de abertura a novas espiritualidades, enquanto por outro um interesse por correntes mais tradicionais do cristianismo católico. Embora as novas comunidades monásticas apresentem um modelo de origem multiseular, será que observando a história de vida das monjas, será esta nova religiosidade mais ortodoxa, uma reação a um ambiente cada vez mais secularizado? Proponho-me a apresentar sumariamente o projeto de investigação sobre o papel da comunidade, no contexto presente da modernidade, de forma a problematizar este fenómeno social, enquadrando-o na reatualização do monaquismo.

Elsa Correia Pereira é socióloga, com Licenciatura em Sociologia e Planeamento pelo ISCTE (2002). Realizou a sua dissertação sobre o tema “Crenças religiosas e toxicodpendência: a apropriação da dimensão religiosa numa comunidade terapêutica”. É doutoranda e bolsreira de investigação pela FCT, ao abrigo do protocolo de colaboração entre esta e o IS-UP (REF.^a UI/BD/154276/2022). A sua tese de

doutoramento está a ser desenvolvida em torno da temática do papel das mulheres nas comunidades evangélicas na Europa.

A presente comunicação decorre de uma pesquisa de doutoramento em curso sobre o papel das mulheres nas comunidades evangélicas na Europa. Neste contexto, e para a investigação deste tema nas comunidades evangélicas, é necessário termos em consideração vários conceitos. Assim, no que respeita ao ramo evangélico do cristianismo, o mesmo situa-se no epicentro de vários fenómenos. O primeiro deles, designaremos como “pluralismo interno”; depois, o transnacionalismo (Rocha, 2024), o voluntarismo (Martin, 2013), a plasticidade hierárquica, a multiplicação de comunidades e redes informais, a escassez ou ausência de requisitos eclesiásticos, e o que podemos designar como “fenómeno iceberg”. Quando mergulhamos nas águas do posicionamento feminino nas comunidades evangélicas, conseguimos vislumbrar várias tendências e cenários. A primeira tendência encontra-se na própria construção discursiva interna das (des) igualdades entre homens e mulheres, e nas perspetivas conceptuais que descrevem a polarização nos sistemas das disposições relativamente às mulheres, que opõem o complementarismo à igualdade, em termos de desempenho de cargos eclesiásticos, e a submissão à mutualidade, em termos familiares. No entanto, ao longo de ambas as linhas perpendiculares e nos 4 quadrantes formados pelo seu cruzamento, situam-se múltiplas configurações possíveis do que a mulher pode ou não pode assumir numa comunidade evangélica
